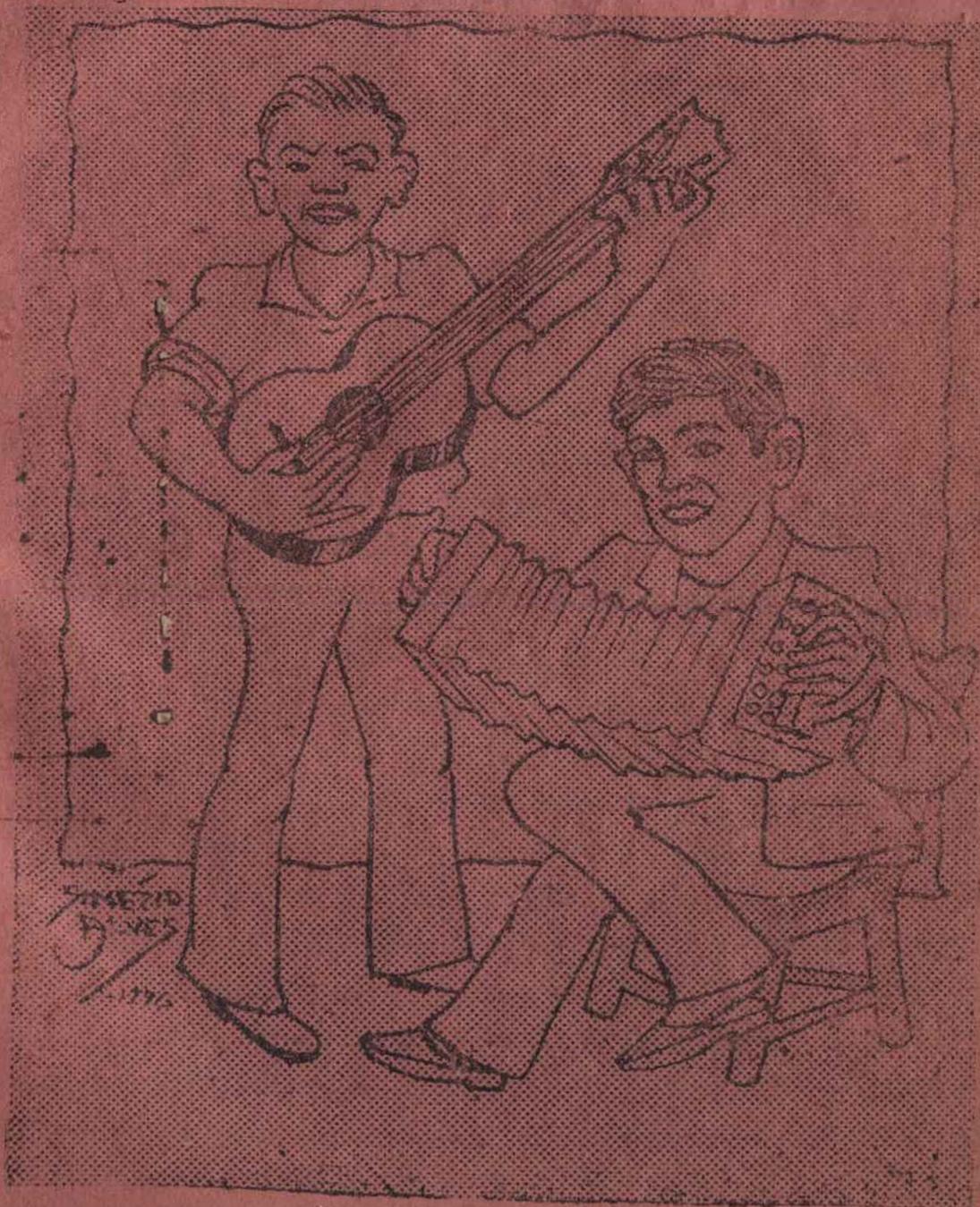


Discussão de José Pequeno e Amaro Quaresma



Editor responsável: RODOLFO COELHO CAVALCANTE

Autor: José Pequeno

Preço Cr. \$1,00

DISCURSÃO DE JOSÉ PEQUENO E AMARO QUARESMA

Vou descrever um debate
Que tive agora este mez
Co mum poeta que canta
Sem a menor acanhez
Mostrou-me um serviço macho
Que nunca passei em baixo
E quasi vou desta vez
Estava despreocupado
Na casa de um cidadão
Cantando para os presentes
Que estavam no salão
Quando ninguem esperou
Amaro Quaresma chegou
Com a viola na mão.

Salvou a todos dizendo
Quem é o duro daqui
Eu fiquei impaciente
De momento eu respondi
Sou eu que enfrento guerra
E se ha bamba nesta terra
Desconheço, nunca o vi
Ele então me respondeu
Logo ali sem ter demora
Não conte goma colega
Pra não servir de peora
Sou bamba na poesia
Se você não conhecia
Fim

Sentou-se logo ao meu lado
Deu no pinho afinação
Eu estava furioso
Peor do que um leão
Perante a todos presentes
Igual a duas serpentes
Demos começo a questão.

Amaro-Eu vou mostrar ao Pequeno
A força deste meu braço
Primeiro vou dar-lhe um tapa
Para quebrar-lhe o cachaço
Depois meter-lhe o chicote
Do começo do cangote
Até no fim do espinhaço.

Pequeno-Não venha assim que lhe faço
Um buraco na titela
Para arrancar bofes, rins,
Lingua, laringe e guéla,
Garganta^a gogó, pulmão
Baço, figado e coração
Bucho com tripa e muéla.

A. — Já conheci que ninguém
Pode cantar acertado
Com essa boca de jegue
Cara de gato esfolado
Maresia de urubú
Barriga de cururú
Saco de juntar pecado.

P. — Eu só comparo esse bicho
Com um macaco de cheiro
Esse burrego engeitado
Da cara de macumbeiro
A boca parece um fole
A orelha quando bole
Parece um pai de chiqueiro.

A. — Tú estais te parecendo
Com um porco capivara
Cabeça de aparar murro
Eu hoje quebro-te a cara
Tu sai daqui de moletas
Fazendo mil piruêtas
Matando urubú de vara.

P. — Já estou me aborrecendo
Com esse espanta puleiro
Cara de gato lambido
Patuá de feiticeiro
O bicho é todo cabano
Farece um porco caiano
Deitado num atoleiro.

A. — Eu nunca fui desordeiro
Mas uma força me obriga
De pegar esse sujeito
Passar-lhe o pé na barriga
Para ver se o fato desse
O bucho dele parece
A pansa de "Zé Lumbriga".

P. — E' bom que o povo diga
 Que tu viras "lubis home"
 Porque num sujeito burro
 Pode assentar todo nome
 Arroto de cambambá
 Fucinho de tamanduá
 Barriga de passa fome.

A. — Vou mudar para martelo
 Pra ver se és de verdade
 Quero com ele fazer-te
 A maior perversidade
 Deixar-te doido varrido
 Sujo rasgado esquecido
 Louco no meio da cidade

P. — E' em martelo que faço
 Você procurar desvio
 Sair correndo vexado
 Passando a mão no fundio
 Desejando ser um rato
 Pedindo benção a gato
 Chamando cochorro tio

A. — Meus srs do salão que estão presente
 Mê desculpem eu cãnto cantando assim
 E' porque quando encontro gente ruim
 E' o geito que tem é ser valente
 E mais com um assim incompetente
 Que só sente apanhando de facão
 Pois eu já preparei uma invenção
 Vou faze-la antes que esqueça
 E' quebrar a viola na cabeça
 Desse fucinho de guariba do sertão.

P. — Você hoje aqui tem pintado o sete
 Que o povo já estão achando feio
 Mas antes que finde este paleio
 Eu quero pegar no seu topete
 Pra cortar de miudo a canivete
 E mostrar quanto vale o meu preparo
 Com certeza você termina varo
 E por sorte não fica morimbundo
 Pra dizer por si a todo mundo
 O cinturão do Pequeno é meu amparo

A. — Cantador dessa marca que tú és
 Um tapa de Amaro não aguenta
 Porque se eu passar-lhe a mão na venta
 O couro da cara cai nos pés
 Tenho dado no mundo em mais de dez
 Cantador que começa de teu geito
 Eu sigo ageitando ele direito
 Até que no fim fica vaiado
 De outra vez que me vê fica asombrado
 Me tratando com zelo e com respeito.

P. — E' difícil um cantor neste teu porte
 Enfrentar o Pequeno na brigada
 E' bastante que der-te uma pancada
 Contarás por certeza com a morte
 Eu lamento como é a tua sorte
 Por não acreditares no Eterno
 Já tirei o teu nome do caderno
 Tu vai doido agarrado pela nuca
 Dansar hora e meia de másuca
 Mais dão cocho na porta do inferno.

A.—Pequeno você trate melhor
Repare, eu não sou seu pareceiro
Sinão eu me faço desordeiro
E você vai achar muito peor
Não quero que me chame de major
Mas é bom deixar de tanta besteira
Ou então eu lhe esfrego na poeira
Até saciar o meu destino
Só solto você falando fino
Com o mal da pichana miadeira.

P.—Nem que eu saia daqui aflagelado
Mas sangro o Quaresma e tiro o couro
Pra deixar um exemplo em Bebedouro
Para outro que for compenetrado
E se alguém achar que fiz errado
Be procure que estou no meio do fundo
Me topando tem que voltar corcundo
Com a cara pregada no espinhaço
Para ver quanto vale este meu braço
No ouvido dum cabra vagabundo.

A.—Eu nem sei que faça com Pequeno
Pois o jegue não quer se conformar
Eu saindo daqui vou procurar
Quem prepare uma dose de veneno
Mostrar-lhe que aqui neste terreno
Poeta nenhum não escavaca
Porque eu carrego uma macaca
Que se chama bem dita "tira teima"
Onde bate no couro péla e queima
Tosta, trinca, cocula e esburaca.

P.—Até aqui eu estava gracejando
Levando o negocio em brincadeira
Mas já vi que esse boca de frieira
E' o diabo e está me futucando
Burro quando não está apanhando
Não corre, não trota nem caminha
Esse boca de sola da murrinha
Quer cantar sem ter musa sem ter peito
Quem canta martelo do teu jeito
Já comeu a vergonha com farinha.

A.—Quem come a vergonha é um ladrão
Como és, que na rua do Banheiro
Foi pegado debaixo dum puleiro
Enforcando o pescoço dum capão
Dessa vez apanhou de cinturão
Mas, adiante entrou numa cosinha
Carregou um puçá, uma quartinha
Um botoque, um giqui, uma petéca
E levou bem no fundo da cuéca
Duas cuias e meia de farinha.

P.—Quem procede no mundo desse jeito
E' um cabra que rouba que nem tú
Porco, bode, galinha até perú
Pato ganso cavalo vai no eito
Nos hotéis tem roubado até confeito
Quando encontra o garson fazendo lomba
Pelas ruas tú faz tanta moramba
Que desperta atenção da autoridade
Em Maceió ninguém sabe a quantidade
Das casas que tú num mez arromba.

A. — Pequeno eu deixo o martelo
E mesmo agora o convido
Para por hoje deixarmos
Já que estais iludido
Não penses que fique empate
Porque o nosso debate
Inda vai ser decidido.

P. — Pode vir quanto quiser
Fico sempre a esperar-te
Porem venha na certeza
Que o couro vou tirar-te
Dessa vez tu não escapa
Que já estaes em meu mapa
Não posso mais perdoar-te

A. — Talvez seja engano teu
Pensas que Amaro não vem
Tirar o teu pedantismo
Porque isto me convem
Essa eu quiz empatar
Na outra se não ganhar
Não canta mais com ninguem.

P — oderá dizer assim
E — nquanto o que foi passado
Q — ue tu estava vivendo
U — ltimamente enganado
E — em outra discursão
U esse dia nem o cão
N — esse dia nem o cão
O — livra de ser vaiado.

FIM.

9.211
Peleja

AOS SNRS. REVENDEDORES!

Rodolfo Coelho Cavalcante avisa, que acaba de editar um formidável estoque de seus folhetos e romances, vendendo por este motivo, por preços jamais equivalentes aos seus competidores, como seja: **.SORTIDOS:**

Preço para cento Cr. \$ 20,00
Para milheiro 150,00

Aceitando agentes em qualquer parte do País, com direitos exclusivos para revender em qualquer praça!

Negocios a vista! Despacho urgente! Aceita-se pedidos por correspondencia, para: Rodolfo Coelho Cavalcante — Rua Alfredo Brito n.º 20 — 1.º andar — Salvador — Bahia.

Avisos importantes:

O TROVAOR ALAGOANO



Rodolfo C. Cavalcante
(Autor deste folheto)

AOS SRS. AMIGOS E LEITORES!

NAO DEIXEM DE LER:

Amor e Falsidade (Romance), A Discussão do Artista com o Médico, O Boi de 7 Chifres, O que vai acontecer até 1950, A verdadeira Profecia do Padre Cícero, A Desventurada, Mulher sem Alma, O Fim do Mundo, O encontro de Rodolfo Coelho com Ricardo Lopes, A Discussão de Cavalcante com Canario, Filha Maldita, Paixão de Cristo, A Vida do Sertanejo, Pae de Santo, e muitos outros livros.

FAÇAM JA' OS PEDIDOS!